

## V - EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA E PRODUÇÃO MIDIÁTICA POR CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS

**Mediador: Prof. Dr. Claudemir Viana – ABPEducom**

### **PRODUÇÃO DE CURTAS METRAGENS POR CRIANÇAS DE 5 E 6 ANOS.**

**Graziella Matarazzo.**



Formada em Pedagogia pela FEUSP. Pós Graduada em Psicopedagogia pela Unitalo. Professora de Tecnologia Educacional no Colégio Visconde de Porto Seguro, com o objetivo de aprofundar o currículo por meio da tecnologia em sala de aula, com os alunos, e também com foco em formação de professores. Trabalha a 8 anos com foco em crianças de 1 ano à 6.

#### **Resumo.**

Um dos focos do infantil 5 e do 1ºano é o trabalho das linguagens oral e escrita, e utilizando as medias é possível atrelar essas áreas do conhecimento as demais. Por meio dessas experiências pudemos constatar que com essa parceria entre o currículo e a tecnologia é possível dentro da sala de aula, proporcionar um ambiente rico e desafiador para as crianças.

#### **General Information**

A ideia de que as crianças são sujeitos capazes de construir, transformar, produzir e reproduzir culturas (CORSARO, 1997, SARMENTO, 1997, 2007) é, atualmente, reforçada em diversas pesquisas<sup>105</sup>. Nessa linha, desenvolvemos um trabalho junto a crianças de 5 a 6 anos de idade a fim de estabelecer uma parceria entre a tecnologia e o currículo escolar nos diversos ambientes informatizadas do colégio.

Para isso, o currículo é trabalhado de forma interdisciplinar, tendo como eixo principal das propostas desenvolvidas o interesse das crianças. Isso porque as consideramos como produtoras de cultura e, inseri-las como agentes ativos no processo de planejamento e execução do trabalho, não só enriquece as

---

<sup>105</sup> Para saber mais, ver: CORSARO (2002, 2005), CRUZ (2008), DELGADO (2005), FERREIRA (2004), FARIA, DEMARTINI E PRADO (2005)

possibilidades de ação no ambiente escolar, como também amplia o olhar do adulto a respeito do fazer infantil. Pois, como afirma Corsaro,

[...] As crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir a sua própria cultura de pares. Tal apropriação é criativa na medida em que tanto expande a cultura de pares (transforma a informação do mundo adulto de acordo com as preocupações do mundo dos pares) como simultaneamente contribui para a reprodução da cultura adulta. (CORSARO, 1997, p. 114)

Visando esta proposta, iniciamos um trabalho de produção de curtas metragens, utilizando diferentes técnicas e envolvendo diferentes saberes, já que a apropriação dos métodos de produção desses filmes proporciona às crianças contato com diversas áreas do conhecimento por meio que um protagonismo latente.

As crianças participam ativamente, escrevendo o roteiro, planejando as cenas, escolhendo o método mais adequado ao tema, entre outras tarefas. Além disso, discute-se a importância de cada colaborador na elaboração de um filme, assim como suas funções e a forma como desempenhá-las, seja como diretor, cinegrafista, ator, narrador etc. Realizamos discussões em grupo, fazemos levantamento de ideias e hipóteses, planejamos situações para as crianças exercitem a independência e a criatividade, consultamos vídeos a respeito de como produzir um curta-metragem e, por fim, fazemos as filmagens e as gravações em áudio, conforme será descrito nos próximos itens.

Trazer o ponto de vista das crianças, assim como considerar suas ideias e opiniões nesse processo significa que é necessário abandonar a tradição adultocêntrica, na qual os adultos consideram válidos apenas seus conhecimentos e percepções e trazer à luz o universo infantil (SARMENTO, 2007). Mas, afinal, porque desenvolver um proposta na qual as crianças são as protagonistas do processo?

Pois já se percebeu, por meio de pesquisas, que o adulto nem sempre interpreta, vivencia, experimenta e, portanto, tira conclusões da mesma forma que a uma criança; e, nestas mesmas pesquisas, bem como no próprio processo sócio-cultural da construção do conceito de infância, também se constata as possibilidades das crianças de produzir culturas. Como afirmam Graue e Walsh,

Fazer investigação com crianças pequenas é tão complexo,

gratificante e turbulento como viver e trabalhar com elas. Requer uma perspicácia especial para detectar as suas necessidades, mais do que as necessidades do projeto de investigação. Requer atenção às circunstâncias especiais que permitem às crianças mostrar-nos os seus mundos. (2003, p.29-30)

Desta forma, corroborando com o atual conceito de infância, no qual as crianças são consideradas, de fato, como produtoras de culturas num contexto que é dinâmico e, portanto, está permanentemente em processo de construção, está a ideia de inserir a voz das crianças em trabalhos e pesquisas. Pinazza e Kishimoto, ao prefaciarem o livro *A escola vista pelas crianças* (2008), organizado por Júlia Oliveira-Formosinho, apontam para a importância da ampliação deste tipo de pesquisa, e afirmam que,

[...] as pesquisas indicam como fato incontestável a competência das crianças em falarem sobre si mesmas e sobre os processos de vida e de educação. Tomando-os como sujeitos participantes, os estudos apontam a importância de conceber práticas de investigação, que devem ser inovadoras em vários sentidos: no delineamento de procedimentos muito próprios, nos tempos e nos espaços concebidos para coletar dados, na aplicação de técnicas e instrumentos adequados ao público infantil, no treinamento especial de pesquisadores e em novos olhares sobre os cuidados éticos. (2008, p.10)

Em consonância com essa perspectiva, iniciamos esse trabalho na qual é estabelecida uma parceria entre as tecnologias e a sala de aula, onde as crianças, de acordo com os seus interesses, delimitam um objeto de pesquisa e desenvolvem, com o auxílio das professoras de sala e de informática, um curta metragem com os saberes adquiridos durante investigações desenvolvidas.

Tal projeto, além de favorecer a independência e o protagonismo infantil, contribue para o processo de alfabetização das crianças, uma vez que é necessário refletir a respeito do sistema de escrita para que escrevam o roteiro, assim como acerca de melhorias do texto produzido, o que envolve um processo de leitura e releitura constante. Além disso, exploram a utilização do teclado e da lousa eletrônica da sala de aula, bem como estratégias para uma boa formatação do texto a partir da utilização do software Word e Power Point. Em outra esfera também aprendem o que é um curta-metragem e como ele é feito, manipulando câmeras,

claquetes, microfones e construindo cenários. Nesta etapa, ainda exercitam a leitura no momento da gravação do áudio. Durante todo o processo, fica evidente o quanto percebem a necessidade do respeito ao outro para o sucesso do trabalho em grupo. Desta forma, por meio destes projetos, é possível criar um ambiente estimulador onde acontecem situações significativas de aprendizagem por meio de propostas inovadoras para sala de aula, onde as crianças são desafiadas em diversos momentos.

Vale ressaltar ainda que, tal trabalho vai além da sala de aula, contagiando a comunidade escolar, já que vários funcionários do colégio colaboram. Mesmo muitos não sendo da área pedagógica, percebem como as crianças são capazes de realizar atividades vistas como exclusivas do universo adulto. Assim, compreendem que as crianças não só reproduzem cultura, como também são capazes de, elas próprias, produzirem as suas. Quanto à equipe pedagógica, também há um retorno positivo no que diz respeito à integração da tecnologia com a educação, desmistificando sua suposta complexidade.

Enfim, durante todo o processo, as crianças são protagonistas, exercitando a colaboração, o respeito e o trabalho em equipe. Assim, foi possível concluir que o projeto favorece diversas conquistas das crianças no que diz respeito à independência em ações cotidianas, em produções escritas e orais, assim como na leitura e na organização de textos. E, ainda, avanços quanto ao manuseio de equipamentos tecnológicos; ao cuidado e à habilidade de utilizá-los; uso, zelo e exploração dos mesmos. Conquistas atitudinais também são nítidas, tais como esperar a vez para falar, ouvir os colegas, expor de forma adequada as opiniões, respeitar a decisão tomada pelo grupo etc.

Nos próximos itens, descrevo parte deste trabalho na forma de dois relatos, na qual as crianças ampliaram seus repertórios nas em diferentes esferas, contemplando não só as áreas do conhecimento, como também no que diz respeito à conquista da independência e de recursos tecnológicos.

## **2. Primeiro Relato – Curta metragem: Mundo Marinho**

No 1º ano do Ensino Fundamental do Colégio Visconde de Porto Seguro, as crianças entram em contato com diversos gêneros da Língua Portuguesa. No 2º trimestre, exploramos, na esfera literária, os Contos Acumulativos e de repetição:

histórias que, conforme as crianças do grupo descreveram, “parecem não ter fim! Ficam juntando várias personagens, uma atrás da outra!”.

Após se apropriarem desse tipo de texto, logo algumas crianças pediram por um novo desafio: produzir um conto coletivamente! O grupo aceitou com empolgação. Para tanto, cada um ditava sua contribuição, que era digitada no computador ora pelas professoras, ora pelas próprias crianças e projetada, simultaneamente, em um telão, a fim de que todos pudessem acompanhar o que estava sendo escrito.

Em seguida, o grupo analisou a produção (os alunos corrigiram repetições e sugeriram complementações) e fez as ilustrações, compondo um livro.

Ao trabalhar os contos acumulativos com o grupo e, conseqüentemente, a vontade das crianças em fazer o seu próprio conto, culminou no interesse de socializar com outros grupos a produção. Uma criança, então, sugeriu uma encenação. Porém, surgiu uma questão: não haveria um momento para que os familiares e colegas fora da escola pudessem assisti-los. Diante disso, despontou a ideia da filmagem e, portanto, a elaboração de um curta-metragem.

Assim, propusemos aos alunos a elaboração de um curta-metragem com o conto como roteiro. Para tanto, discutimos a importância de cada colaborador na elaboração de um filme como esse. Feito isso, de acordo com a preferência de cada um, escolheram suas funções, como diretor, cinegrafista, ator, narrador etc. Realizamos discussões em grupo, fizemos levantamento de ideias e hipóteses, planejamos situações para as crianças exercitarem a independência e a criatividade, consultamos vídeos a respeito de como produzir um curta-metragem e, por fim, fizemos as filmagens e as gravações em áudio.

### **3. Segundo Relato: Stop-Motion- A vida dos Sapos**

Um dos focos de trabalho do 1º ano na área de ciências é investigar os seres vivos. De acordo com esse objetivo geral, o grupo de crianças elegeu o sapo como objeto de estudo.

Foram realizadas diversas propostas em diferentes plataformas de ensino para que compreendessem o ciclo vital deste ser, como, por exemplo, acompanhar o crescimento de um girino no aquário, jogos, atividades de leitura e escrita, pesquisas na internet entre outras.

Como produto final deste projeto, as crianças sugeriram produzir um vídeo que representasse o desenvolvimento do sapo. Oferecemos algumas opções como curta-metragem, teatro, documentário. Após votação, o grupo decidiu pela elaboração de um Stop Motion com massinha.

Após se apropriarem desse tipo de produção, iniciamos o processo com a elaboração de um roteiro e a divisão das tarefas entre as crianças. Desta forma, foi preciso que cada um assumisse um papel importante no desenvolvimento deste trabalho, o que envolveu habilidades de leitura, escrita, cooperação, linguagens artísticas e tecnológicas.

Enfim, durante as gravações, as crianças foram protagonistas, momento no qual puderam exercitar a colaboração, o respeito e o trabalho em equipe.

Ao final do projeto, foi entregue a cada criança um CD com o filme.

Por meio da escolha de um tema de interesse dos alunos, foi objetivo deste projeto aprofundar conhecimentos não só em Ciências, como também de leitura, escrita, procedimento investigativo, recursos tecnológicos e trabalho em equipe.

## Referências:

CORSARO, W. A. Discussion, debate, and friendship: Peer discourse in nursery schools in the United States and Italy. **Sociology of Education**, 67, 1- 26, 1994.

CORSARO, W. A. **The Sociology of childhood**. Thousand Oaks-California: Pine Forge Press, 1997.

CORSARO, W. A. A reprodução interpretativa no brincar ao faz-de-conta das crianças. **Educação, Sociedade e Cultura**, n.017, 2002.

CORSARO, W. A.. **Ação colectiva e agência nas culturas de pares infantis**. Indiana: University, Bloomington, 2005a.

CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação, e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade: revista de Ciência e Educação**, v. 26, n. 91, 2005b.

CORSARO, W. A.; RIZZO, T. A. *Discussion* and friendship: socialization processes in the peer culture of Italian nursery school children. **American Sociological Review**, 53, 879- 894, 1998.

CORSI, Bianca Rodriguez. **Conflito na educação infantil: o que as crianças têm a dizer sobre ele?**.

2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-12112010-150134/>>. Acesso em: 2013-08-05.

CRUZ, S. H. V. (Org.) . **A Criança Fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

as.

**Sociedade**, v. 26, n. 91, 2005b.

FARIA, A. L. G.; DEMARTINI Z.B.F.; PRADO, P. D. (orgs). **Por uma cultura da Infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2005.

FERREIRA, M. M. M. Do avesso do brincar ou... As relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da(s) ordem(ens) social(ais) instituinte(s) das crianças nos jardins de infância. *In*: SARMENTO, M. e CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Edições ASA, Lisboa, 2004. p. 55-104.

GRAUE, E.; WALSH, D. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (org). **A escola vista pelas crianças**. Porto: Porto Editora, 2008.

PINTO, M. A infância como construção social. *In*: SARMENTO, M. J.; PINTO, M. **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997. p. 33-

- POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro, Graphia, 1999.
- ROCHA, E. A. C. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. *In*: CRUZ, S. H. V. (Org.). **A Criança Fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p. 43-51.
- SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S. (orgs.). **Estudos da Infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SARMENTO, M. J. Visibilidade social e estudo da infância. *In*: VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (Org.). **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira&Marin, 2007. p. 25-49.
- SARMENTO, M. J.; PINTO, M. **As crianças**: contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.